

eis que o sogro, velhinho, lhe aparece, de chapéu à destra encarquilhada, rogando, humildemente:

— Anacleto, perdoe-me a intromissão; contudo, é tão grande a nossa dificuldade hoje em casa que venho pedir-lhe quinhentos cruzeiros por empréstimo...

— Ora, ora... — respondeu o genro, evidenciando cólera injusta — onde tem o senhor a cabeça? Se eu tivesse quinhentos cruzeiros no bolso, não sairia agora para encarar a onça da vida.

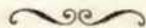
Nisso um carro buzinou à reduzida distância, passando, porém, de largo, sem atender-lhe ao sinal.

Anacleto, em desespero, bradou, contundente:

— Malditos! como seguirei para a repartição? Malditos! malditos!...

Outro carro, no entanto, surgiu rápido, e Silva acomodou-se, enfim.

Mas, enquanto o veículo deslizava no asfalto, confrontou a própria conduta com as afirmações que fizera ao despertar, e só então reconheceu que ele, tão seguro em exaltar a harmonia do mundo, não suportara sem guerra uma calça rasgada; tão convicto em prometer a si mesmo o equilíbrio no Senhor, não se conformara ante a refeição incompleta; tão pronto em proclamar o seu prévio perdão às ofensas humanas, não soubera acolher com gentileza a solicitação de um parente infeliz, e tão solene em asseverar-se nos alicerces do entendimento, não hesitara em descer da linguagem nobre para a que condiz com a gíria que amaldiçoa... E, envergonhado por haver caído tão apressadamente da serenidade à perturbação, começou a perceber que, entre ele e a Humanidade, surgia o lar, reclamando-lhe assistência e carinho, e que jamais receberia a paz do Cristo por fora, sem se dispor a recolhê-la por dentro.



Nota explicativa

Meu amigo, você estranha, sensibilizado, que certo «morto» inteligente haja olvidado o compromisso de identificar-se, em mensagem pessoal, a determinado companheiro «vivo».

Refere-se ao contrato de dois escritores respeitáveis que os interesses afetivos entrelaçaram, profundamente, através de tertúlias literárias.

Um, à frente da morte, prometeu ao outro, mergulhado nas correntes da vida carnal, que voltaria das pesadas águas do Estige, com noticiário elegante e compreensível. Preliminarmente, porém, o amigo «morto» leria, em espetáculo de grande estilo, certa ordem de palavras que o amigo «vivo» manteria em segredo no cofre forte. Reconhecido, então, pelos poderes divinatórios, o autor desencarnado, promovido a oráculo, passaria à condição de novo Marco Polo, com rádio e televisão para todos os recantos do mundo.

Com semelhante realização, em seu parecer que eu prezo muito, o Espiritismo salvador seria respeitado em toda parte.

Todavia, o notável escritor desencarnado, em quebrando os selos do túmulo, pareceu desmemoriado e distraído e não se arriscou à execução da promessa.

E você, à maneira de muita gente, duvidou e sofreu, porque aguardava a solução ao problema da imortalidade,

assim como se espera numa arena esportiva o resultado de uma partida de futebol.

O literato encarnado, copiando a tartaruga que de modo algum aceita a existência de outra praia, além daquela em que respira, enquanto dispõe de abrigo na carapaça, sorriu e negou, embriagado pelas grossas volutas de incenso narcotizante da vaidade, e vocês, os torcedores da pugna entre dois mundos, permaneceram desapontados.

Cria, porém, que a morte só é simples mergulho na vida espiritual, para quem soube ser realmente simples na experiência terrestre.

Considerando, contudo, a complexidade de nossos desejos e os complicados processos de luta a que nos afeiçoamos, ninguém julgue que «largar o corpo» traduza «ascensão ao céu». Enrola-se-nos a vida mental em múltiplos caprichos e, quando suspiramos pela libertação verdadeira, eis que a nossa independência jaz subordinada aos emaranhados novelos de nossos pensamentos que resultam em compromissos e prisões de variada espécie.

Somos balões cativos ao lastro de nós mesmos, incapazes de voo mais elevado no clima universalista, ainda mesmo quando sejamos portadores de intelectualidade brilhante, a modo de ave rara pela plumagem ou pelo canto, dentro da floresta.

Nossa grandeza legítima não reside naquilo que aparentamos e, sim, no que somos.

A transição do corpo é fácil, mas a renovação da alma é difícil.

Os desencarnados arrependidos, perturbados e sofredores constituem vastíssima retaguarda, congregando soldados e lidadores que não souberam vencer na posição a que foram conduzidos.

Para meu consolo de jornalista humilde e anônimo, tenho visto reis e políticos, papas e condutores, cientistas

e filósofos, aflitos pelo reajustamento próprio, confinados a extremas desilusões, qual se estivessem em escuro sótão reservado pela vida à sucata espiritual.

Quanto aos méritos do acontecimento para a doutrina consoladora que nos reúne, não acredite que as adivinhações de um pensador invisível possa desviar o curso natural do serviço que nos cabe realizar. Surgiriam mil recursos à sonegação calculada. Os observadores renitentes citariam Houdini, o mágico, e os menos afeitos ao beletrismo recordariam algum trapaceiro de circo vulgar, porque, realmente, a prova, em si, condiz muito mais com a telepatia e com a clarividência comuns.

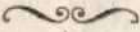
Nas demonstrações fenomênicas, temos sempre grande número de entidades veneráveis inibidas de fazer o que podem, porque há, igualmente, grande número de médiuns que não se animam a fazer o que devem, cabendo-nos, no entanto, a obrigação de crer no futuro, trabalhando, invariavelmente, pela vitória da verdade.

O único Espiritismo triunfante é aquele que espiritualiza o indivíduo; e a hora dessa natureza é logicamente morosa, por efetiva e segura.

Fenômenos por fenômenos, ninguém superará os do Cristo, materializando Espíritos célebres no Tabor, resuscitando cadáveres em Naim e Betânia, curando leprosos, cegos, aleijados e loucos em Cafarnaum e Jerusalém... Entretanto, as revelações d'Ele ainda não foram aceitas pela Humanidade inteira. E a nossa própria adaptação aos seus ensinamentos, da qual espalhamos tanto alarde através de prelos e tribunas, ainda deixa muitíssimo a desejar.

Prossigamos assim, meu amigo, na edificação doutrinária, com aplicação e diligência, serenidade e perseverança, por dentro e por fora, servindo por amor, avançando pela fé viva e glorificando a luta construtiva, em nome da vida eterna.

Quanto à massa dos que descreem da própria existência de Deus, ajudemo-la, quanto estiver em nossas possibilidades, recordando, porém, com o velho Horácio, que a morte, à porta de juizes e condenados, de doutos e ignorantes, de aristocratas e plebeus, «bate com pé indiferente».



Acerca da pena de morte

Indaga você como apreciam os desencarnados a instituição da pena de morte, e acrescenta: — «não será justo subtrair o corpo ao espírito que se fez criminoso? será lícito permitir a comunhão de um tarado com as pessoas normais?»

E daqui poderíamos argumentar: — quem de nós terá usado o corpo como devia? quem terá atingido a estatura espiritual da verdadeira humanidade para considerar-se em plenitude de equilíbrio?

A execução de uma sentença de morte, na maioria dos casos, é a libertação prematura da alma que se arrojou ao despenhadeiro da sombra. E sabemos que só a pena de viver na carne é suscetível de realizar a recuperação daqueles que se fizeram réus confessos diante dos tribunais humanos.

Não vale afugentar moscas sem curar a ferida.

Eliminar a carne não é modificar o espírito.

Um assassinado, quando não possui energia suficiente para desculpar a ofensa e esquecê-la, habitualmente passa a gravitar em torno daquele que lhe arrancou a vida, criando os fenômenos comuns da obsessão; e as vítimas da forca ou do fuzilamento, do machado ou da cadeira elétrica, se não constituem padrões de heroísmo e renúnciação, de imediato, além-túmulo, vampirizam o organismo social que lhes impôs o afastamento do veículo